

Formas espontâneas e induzidas: comparando São Paulo, Jacarta, Hanoi e Belo Horizonte

Eliana Barbosa

Universidade Presbiteriana Mackenzie, Rua Caio Prado, 30-ap34, São Paulo
CEP 01303-000, Brasil. University of Leuven, Kasteelpark Arenberg 1 – bus 2431.
Leuven, Bélgica. E-mail: queirozeliana@outlook.com

e

Patrícia Fernandes

University of Leuven, Kasteelpark Arenberg 1 – bus 2431, Leuven, Bélgica.
E-mail: patricia.capanemaalvaresfernandes@asro.kuleuven.be

Artigo revisto recebido a 26 de Setembro de 2015

Resumo. *Este artigo resume pesquisa realizada em 2012/2013, na qual se usou o campo da morfologia urbana e seu instrumental para investigar relações entre urbanização e desenvolvimento em diferentes países do Sul Global. Trata-se de um estudo comparativo das cidades de São Paulo e Jacarta, e de Hanói e Belo Horizonte, em seus processos de desenvolvimento econômico e espacial, seus processos de planejamento urbano e sua resultante forma urbana. As políticas urbanas e formas urbanas resultantes foram comparadas em diferentes escalas nas quatro cidades, de acordo com abordagem proposta por Lamas (1993). São Paulo e Jacarta foram escolhidas pela importância e relevância econômica dentro de seus respectivos contextos, América do Sul e Sudeste Asiático, oferecendo a possibilidade de comparação com a finalidade de encontrar semelhanças. Hanói e Belo Horizonte apresentam posições análogas em relação aos seus contextos; ambas são cidades administrativas, com semelhante demografia, crescimento econômico e acelerada urbanização. Apesar das semelhanças, as cidades apresentam processos de crescimento e urbanização e aspectos culturais distintos, que foram destacados através da comparação. Assim, este estudo investiga a forma urbana dessas quatro cidades, explorando seus tecidos urbanos e tipos edificados, proporcionando uma melhor compreensão sobre como cada cidade lidou historicamente com processos econômicos e como operam hoje, abrindo possibilidades de discussões mais amplas acerca das lições que estas cidades podem oferecer umas às outras e a outras cidades em geral.*

Palavras-chave: morfologia urbana, tipologia edificada, hemisfério sul

Este artigo é fruto de pesquisa realizada entre 2012/2013, na qual se usou o campo da morfologia urbana e seu instrumental para investigar relações entre urbanização e desenvolvimento em diferentes países do Sul Global. Trata-se de um estudo comparativo das cidades de São Paulo e Jacarta, e Hanói e Belo Horizonte, em seus processos de

desenvolvimento econômico e espacial, de planejamento urbano e sua resultante forma urbana.

A pesquisa em questão teve como objetivos explorar as semelhanças e diferenças entre os diversos contextos das quatro cidades mencionadas acima, a fim de explorar correlações dos processos de

desenvolvimento urbano e econômico e seu impacto na forma urbana. Foram estudadas quatro cidades em seus processos de urbanização, planejamento urbano e a forma urbana resultante desses processos.

Como método, partimos da investigação de diversos padrões de forma urbana de São Paulo, Belo Horizonte, Jacarta e Hanói, expondo alguns de seus tecidos e tipos, alcançando um melhor entendimento de como estas cidades lidaram historicamente com processos econômicos e como elas operam hoje, abrindo possibilidades para discussões mais amplas sobre o que cada uma dessas quatro cidades pode aprender a partir das experiências observadas nas demais e como essas lições podem beneficiar outras cidades em geral.

Na primeira parte do trabalho, a metodologia é definida, explicitando as diferentes escalas de comparação propostas – escala da cidade, do fragmento e da amostra. Posteriormente, as cidades são comparadas duas a duas em cada escala, de acordo com suas dimensões e semelhanças. A hipótese é de que processos similares de urbanização podem ter levado a semelhantes resultados espaciais, uma vez que as cidades são caracterizadas por semelhantes dicotomias. Portanto, fragmentos ‘formais’ e ‘informais’ e amostras de tecidos urbanos foram selecionados em cada cidade, com o objetivo de possibilitar a comparação desses diferentes fenômenos urbanos.

Na segunda parte do trabalho, São Paulo e Jacarta são confrontadas. As cidades foram escolhidas graças à equivalente importância e relevância econômica em seus respectivos contextos específicos, América Latina e Sudeste Asiático, respectivamente. Suas dimensões e características – mega-cidade ou cidade-região – ofereceram a possibilidade de comparação que objetiva encontrar similaridades.

Na terceira parte, Hanói e Belo Horizonte são comparadas, escolhidas por sua semelhante posição em relação aos seus contextos – Sul Asiático e Brasil, respectivamente. Ambas são cidades administrativas – capital do Vietnã e capital do estado de Minas Gerais – com população semelhante e atualmente sob processos de desenvolvimento econômico e rápida urbanização.

Nas considerações finais, a experiência de comparar cidades e contextos tão distintos foi destacada; sugerindo novas abordagens para as dicotomias espaciais observadas, representadas nas noções de ‘formas espontâneas e induzidas’, em contraposição aos conceitos de ‘formal’ e ‘informal’ inicialmente aplicados.

Metodologia

Como Lamas (1993) defende, a forma física do espaço é uma realidade para a qual um número de fatores não-espaciais contribuem. Dentre esses fatores, o autor enfatiza a importância de condições sócio-econômicas, que se materializam na forma urbana, através de ações voluntárias no espaço, que partem de estéticas, ideologias, culturas, padrões de comportamento e sociabilidade diversos.

Consequentemente, a cidade contemporânea contém fragmentos consolidados, cada um com uma forma urbana e processos de materialização específicos, sujeitos a avaliação. Para possibilitar a leitura, certos elementos podem ser usados para hierarquizar a forma, de acordo com diferentes áreas da cidade, revelando os múltiplos aspectos do espaço. Para tal, a ação envolve a identificação das partes (fragmentos) e suas articulações (estrutura) em lógica através da qual cada escala da análise possui características e questões próprias, que acabam por determinar diferentes elementos urbanos relevantes como base de seu instrumental analítico.

Assim, um conjunto de escalas e elementos foi definido para revelar o resultado espacial dos referidos processos de urbanização e as particularidades de cada cidade: i) ‘escala da cidade’ – a área urbanizada, o espaço construído pelo homem que contrapõe elementos naturais e construídos, compostos pelos diferentes fragmentos e seus elementos de conexão, ou seja, a própria infraestrutura, como principais elementos de análise; ii) ‘escala do fragmento’ – os diferentes fragmentos da cidade, usando a malha, os espaços vazios (públicos e verdes), os monumentos e as referências urbanas como os principais

elementos de análise; e iii) 'escala da amostra' – amostra territorial como um recorte da escala do fragmento, delimitada por uma 'janela' de 400 x 400 metros, definida principalmente por cheios e vazios (figura-fundo), os tipos, acolhendo elementos secundários como mobiliário urbano, atividades e fluxos.

Na escala da amostra os tipos são a chave para uma interpretação correta e global da cidade como estrutura espacial, uma vez que o agrupamento de tipos compõe os outros elementos da forma urbana (o quarteirão e, conseqüentemente, os fragmentos) dando também caráter para toda a composição da cidade.

Os espaços livres contêm uma variedade maior de tipos, funções e elementos – fixos ou não – que alteram significativamente a experiência do espaço e, portanto, a percepção da forma. As atividades urbanas, os elementos urbanos não fixos, são responsáveis por uma transformação completa na experiência do espaço, modificando, portanto, a forma urbana, a variedade de formas, usos e fluxos dos vazios, consistindo em outro aspecto das características físicas do território.

Assim, parte-se do entendimento de que a escala da cidade contém diversos fragmentos da cidade, composto por um conjunto de diversos outros elementos menores. No presente artigo usam-se esses elementos para realizar um estudo comparativo relacional (McFarlane, 2010), considerando a comparação dos elementos da cidade entre as diferentes escalas na mesma cidade, além de comparar diferentes cidades nas diversas escalas de análise propostas.

Num primeiro momento foram escolhidos fragmentos formais e informais das cidades analisadas. Como fragmentos formais entendem-se os territórios que se formaram a partir de políticas de urbanização ou que foram elaborados e aprovados pelo poder público local, mediante regulação urbana vigente. Já os fragmentos informais representam territórios que se formaram sem estar inseridos em políticas urbanas ou regulação urbana específicas. Tratam-se de ocupações contemporâneas ou seculares, nas quais existem conflitos em relação à posse e propriedade tanto da terra quanto dos imóveis nela construídos.



Figura 1. Localização das cidades estudadas.

A análise inicialmente contemplou uma leitura extensa das diferentes escalas espaciais e trajetórias de cada cidade através de revisão bibliográfica. Em um segundo momento, houve um processo de mapeamento, trabalho de campo e coleta de dados primários, seguida finalmente da compilação dos materiais e comparação relacional, através da avaliação dos elementos e das escalas espaciais acima mencionadas.

A evolução urbana das quatro cidades

Para abordar a escala da cidade, apresenta-se brevemente a evolução urbana das quatro cidades analisadas (Figura 1), bem como os principais planos para elas traçados, como forma de introduzir os fragmentos urbanos que serão comparados.

São Paulo

A cidade de São Paulo que se observa hoje se espalhou, cresceu e continua crescendo em direção à Serra da Cantareira, a norte, e rapidamente engolindo o território das Represas, a sul (Figura 2). Esse padrão de espraiamento da mancha urbana deu-se em consequência às contínuas limitações de densidade impostas no planejamento – através da constante restrição do coeficiente de aproveitamento e das sucessivas crises habitacionais, nas quais não foram produzidas unidades habitacionais suficientes – por iniciativa pública ou privada – para a crescente demanda. Planos existiram, entretanto não foram completamente seguidos ou implantados por vários motivos, incluindo ausência de vontade política. Ao longo do tempo,

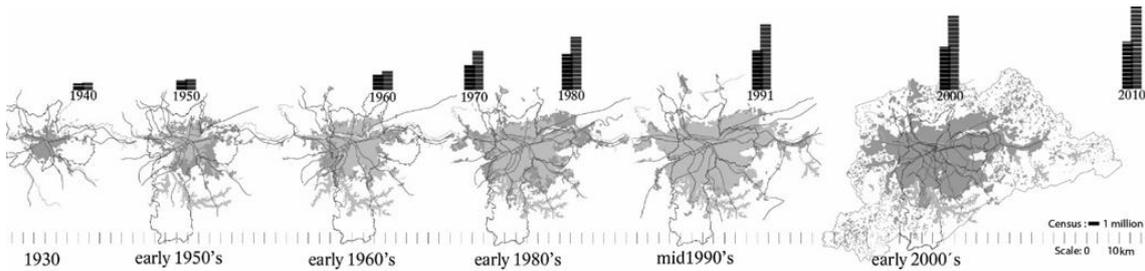


Figura 2. Evolução da mancha urbana versus crescimento demográfico em São Paulo (fonte: Barbosa *et al.*, 2013).



Figura 3. Sequência de planos para São Paulo: Plano de Avenidas (1930), Plano Diretor de 1957 e Plano Diretor de 1961 (fonte: Barbosa *et al.*, 2013).



Figura 4. Sequência de planos para São Paulo: Plano Urbanístico Básico (1965), Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado de 1971, Plano Diretor de 1988 e Plano Diretor de 2002 (fonte: Barbosa *et al.*, 2013).

grandes projetos de reestruturação territorial foram previstos e posteriormente descartados, tendo como resultado a constante expansão da infraestrutura viária, dada a espontânea expansão territorial e o urbanismo rodoviário (figuras 3 e 4).

Jacarta

Consecutivas tentativas de descentralização nos sentidos leste e oeste e a construção de infraestrutura modal a norte-sul guiaram o desenvolvimento urbano de Jacarta ao longo do século XX (Figura 5). Ao comparar a

forma final da cidade e os planos dos anos 1960 e 1970 (figuras 5 e 6), podemos afirmar que essas iniciativas obtiveram certo sucesso ao confrontar o eixo histórico de desenvolvimento norte-sul, entretanto em uma escala diferente da inicialmente proposta. Os planos mais recentes de Jacarta reconhecem que a cidade – assim como nas décadas anteriores – sofre ainda com graves passivos ambientais, mobilidade ineficiente e congestão dado o crescente número de veículos. O que mudou com a democracia foi a visão acerca do planejamento urbano como uma ferramenta para desenvolvimento social através de participação popular.

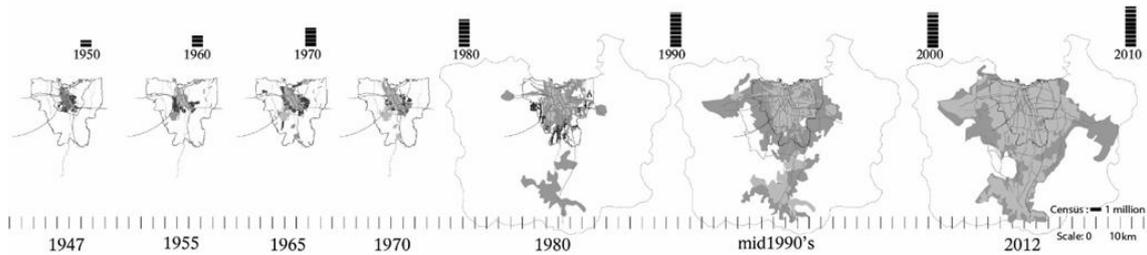


Figura 5. Evolução da área urbanizada versus a expansão demográfica em Jacarta (fonte: Barbosa *et al.*, 2013).

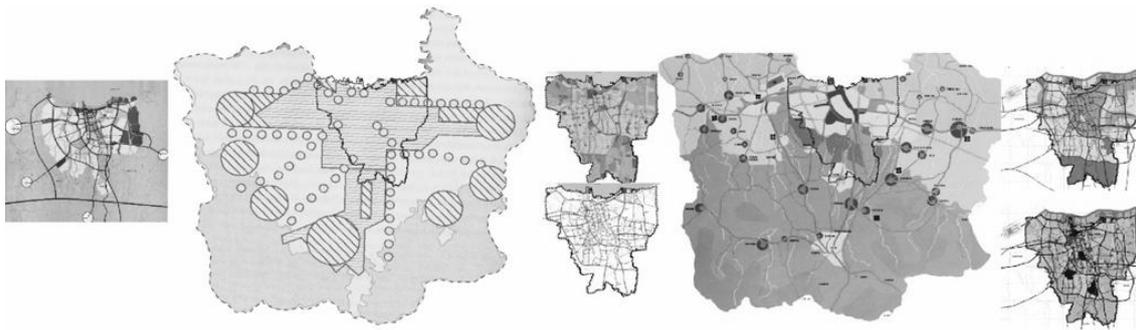


Figura 6. Sequência de planos para Jacarta: Plano Diretor de 1965-1985, Plano Regional Jabotabek 1973, Plano estrutural de Jacarta 1985-2005, Plano Regional 1985, Plano Diretor 2010 (fonte: Barbosa *et al.*, 2013).

Hanói

Acompanhando a evolução urbana de Hanói, pode-se observar várias áreas urbanas construídas em diferentes temporalidades, formando camadas históricas alinhadas e, às vezes, sobrepostas umas às outras. A área urbana consolidada, a antiga Hanói antes da expansão dos limites em 2008, consiste na somatória de diferentes quadrantes históricos. As camadas históricas mais recentes de Hanói não são tão compactas quanto as anteriores. Estão misturadas com outras camadas históricas e com muitas vilas tradicionais. Antes periferia da grande Hanói, essas vilas agora se encontram centrais.

Observando os planos elaborados para a cidade (Figura 8) pode-se dizer que apesar das diretrizes de expansão da cidade em certas direções, foi apenas com a economia liberalizada que o desenvolvimento espacial se iniciou de fato, seguindo todos os possíveis eixos viários. São as políticas recentes que, sobrepondo-se em cada vez

mais curtos períodos, representam esse dinamismo e a hibridez desse território.

Belo Horizonte

De acordo com Amorim (2007), a paisagem urbana de hoje é resultado de políticas de uso e ocupação do solo da década de 1980. A cidade cresceu com a verticalização e concentração das atividades econômicas. Os planos de 1990 e 1996, realizados e aprovados depois da Constituição de 1988, mostraram objetivos mais democráticos (figuras 9 e 10), com o objetivo de transformar a estrutura espacial da cidade, criar novas centralidades, melhorar as condições de habitabilidade dos assentamentos informais, descentralizando os investimentos públicos e promovendo equilíbrio ambiental, abrindo a possibilidade para participação pública.

Atualmente ainda existe a tendência de expansão urbana para a área sul da região metropolitana, com o desenvolvimento do

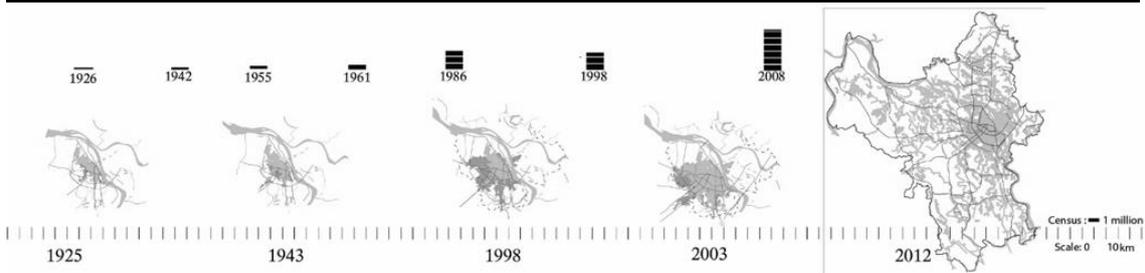


Figura 7. Evolução da mancha urbana versus crescimento demográfico em Hanói (fonte: Barbosa *et al.*, 2013).

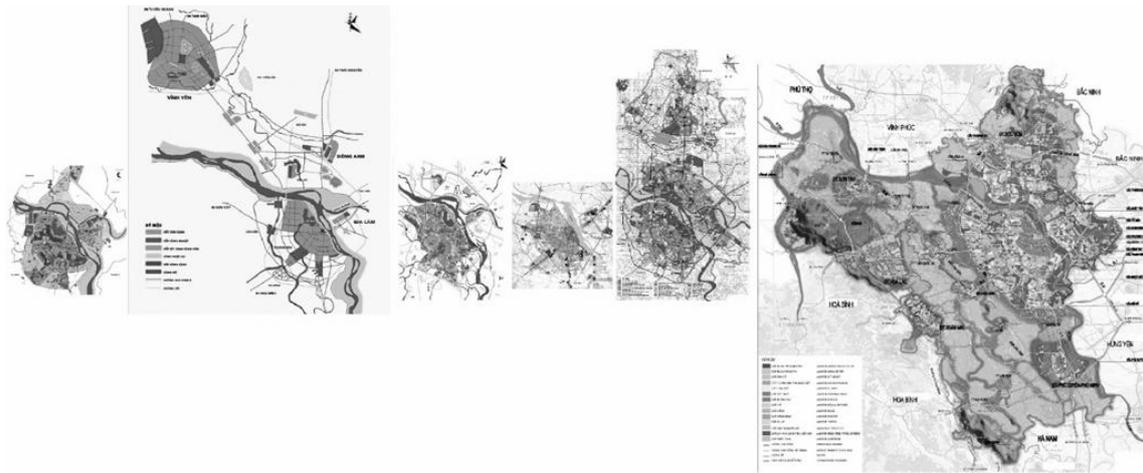


Figura 8. Sequência de planos para Hanói: Plano 1956-1960, Plano 1968-1976 , Revisão 1982, Revisão 1992, Revisão 1998 , Plano 2011 (fonte: Barbosa *et al.* (2013).

município Nova Lima (Costa, 2006; Villaça, 2001), apesar das tentativas históricas do poder municipal de induzir o desenvolvimento em direção a outras áreas. A maior parte das atividades comerciais e ligadas ao setor terciário ainda se concentra na área central e ao longo das grandes vias, formando centralidades lineares (Figura 9).

A mobilidade, os padrões de crescimento desiguais e os diferentes padrões de densidade foram historicamente questões na cidade, agravadas pelo seu desenvolvimento ao longo do tempo. De acordo com PBH/SMURBE (2009) sempre houve um desacordo entre os processos de parcelamento e ocupação, bem como o desenvolvimento habitacional; criando um ciclo especulativo contínuo, corroborado pela política urbana, tendo como resultado uma metrópole dispersa e de relativa baixa densidade, tendo suas áreas remanescentes ocupadas – formal e informalmente – por processos e tipologias heterogêneos, variando desde grandes condomínios

fechados a pequenas fábricas e galpões, aumentando a fragmentação do espaço da metrópole contemporânea.

Entendendo as dinâmicas que formaram a forma urbana atual, parte-se para a abordagem dos fragmentos, comparando as cidades duas a duas.

Comparando São Paulo e Jacarta

Na escala da cidade, São Paulo e Jacarta mostraram processos de desenvolvimento e urbanização bem semelhantes. Ambas as cidades alternaram períodos de crescimento econômico intenso, atraindo imigrantes de outras partes do país, no qual um progressivo espraiamento urbano ocorreu (em São Paulo nas décadas de 1950 e 1960 e em Jacarta depois da década de 1970) sem a devida oferta de serviços, habitação e infraestrutura, processo que define sua configuração espacial das cidades até hoje (Barbosa, 2011; Santos, 2009). Ambas as cidades

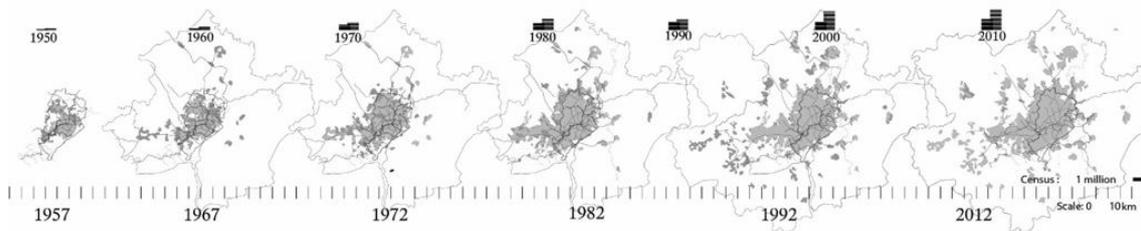


Figura 9. Evolução da mancha urbana de Belo Horizonte (fonte: Barbosa *et al.*, 2013).

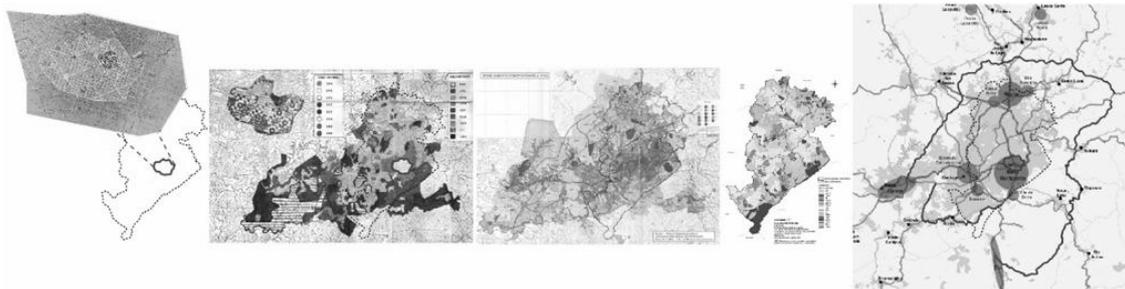


Figura 10. Sequência de planos para Belo Horizonte: Plano de Aarão Reis de 1895, Plano Diretor de 1975, Lei de uso e ocupação do solo de 1976, PDDI de 1996 e Plano Diretor de 2010 (fonte: Barbosa *et al.*, 2013).

apresentam uma infraestrutura simbólica proveniente de períodos ditatoriais que marcam sua estrutura espacial, projetadas para simbolizar a modernidade.

Em São Paulo existe o Elevado Costa e Silva, construído entre 1969 e 1970, como exemplo de infraestrutura viária que fissa parte de bairros tradicionais em nome da eficiência e fluidez no trânsito. Já em Jacarta, o próprio *Thamrin Boulevard*, também uma infraestrutura viária, foi construído como grande eixo simbólico de desenvolvimento.

Apesar de semelhança na forma urbana na escala da cidade – sendo ambas megalópoles – a análise revelou fragmentos bem distintos. Os fragmentos ‘formais’ escolhidos foram o Bairro dos Jardins em São Paulo e o eixo representado pelo *Thamrin Boulevard* em Jacarta, e os escolhidos para representar a urbanização ‘informal’ em cada cidade foram Heliópolis, em São Paulo, e *Kebon Kacang*, em Jacarta. Todos os fragmentos escolhidos estão localizados em áreas consolidadas da cidade, ou seja, cujo processo de formação e transformação encontra-se relativamente estabilizado, contendo algum tipo de

significância na incidência de suas tipologias mais comuns (Waisman, 2013), apesar do dinamismo e das constantes transformações tipológicas observadas nesse contexto e em todos os estudos de caso.

Fragmentos formais

A análise da escala do fragmento exemplifica diferentes formas de desenvolvimento quando se trata do tecido urbano. No primeiro caso, temos uma malha ortogonal composta por quarteirões regulares. No segundo caso, apresenta-se uma malha fortemente fragmentada, que, apesar de ortogonal, é composta por quarteirões de dimensões muito irregulares e dependentes de um eixo central (Figura 11).

A diferença da hierarquia do sistema viário em ambos é evidente. Apesar de observarmos eixos estruturadores em ambos os casos, o *Thamrin Boulevard* apresenta-se como um eixo central estruturador do restante do tecido urbano. Já o tecido urbano nos Jardins se desenvolve em malha ortogonal, graças às características de seu

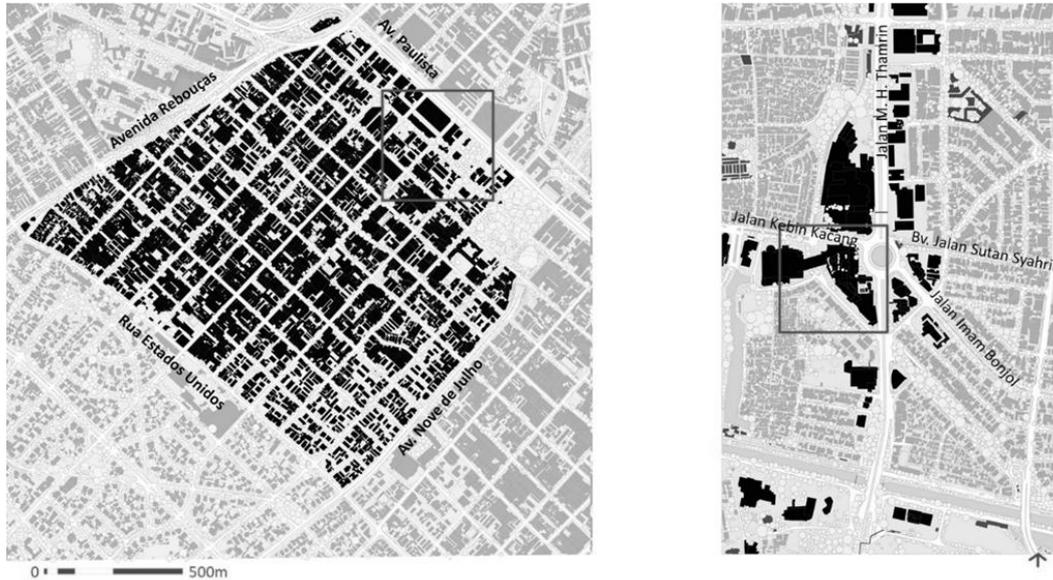


Figura 11. Tecido urbano – fragmentos Jardins em São Paulo e *Thamrin Boulevard* em Jacarta.

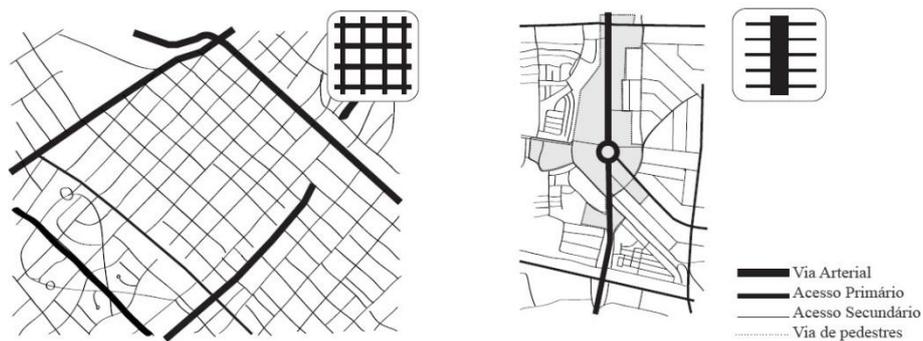


Figura 12. Malha viária – fragmentos Jardins em São Paulo e *Thamrin Boulevard*, Jacarta.

parcelamento inicial, tendo passado por subsequentes substituições dos tipos originais, de casas unifamiliares para torres de altura média. Em Jacarta, a abertura do *Boulevard* deu origem a uma faixa de desenvolvimento imobiliário linear na década de 1960, eixo que persiste até os dias de hoje (Figura 12).

Conceitualmente, o fragmento dos Jardins pode ser interpretado como uma versão espraiada do densificado *Thamrin Boulevard*, que por sua vez exemplifica o urbanismo à moda de *Las Vegas strip* (Venturi *et al.*, 1977), presente por toda Jacarta.

Ao mesmo tempo, a amostra territorial observada revela discrepâncias no que

respeita às proporções do tipo edificado dominante. Em ambos os casos o tipo mais comum é o do edifício em altura, apesar do exemplo asiático mostrar uma dramática aglomeração de subsequentes intervenções no mesmo lote, com o adensamento das estruturas originais, acoplando edifícios em compostos multifuncionais hiper-densos e extremamente altos, enquanto nos Jardins o tamanho e projeção vertical do lote original permanecem intocados, apesar da alternância de tipos no tempo e no espaço. Ambas amostras funcionam como amplas colagens – de tipos e funções – operando, entretanto, em diferentes escalas, na escala do bairro (Jardins) e na escala do lote (*Thamrin Boulevard*).

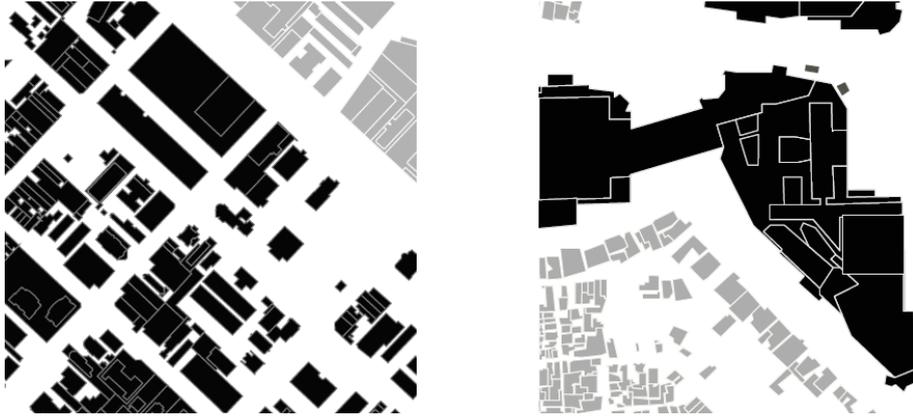


Figura 13. Figura-Fundo – amostras Jardins em São Paulo e *Thamrin Boulevard* em Jacarta.

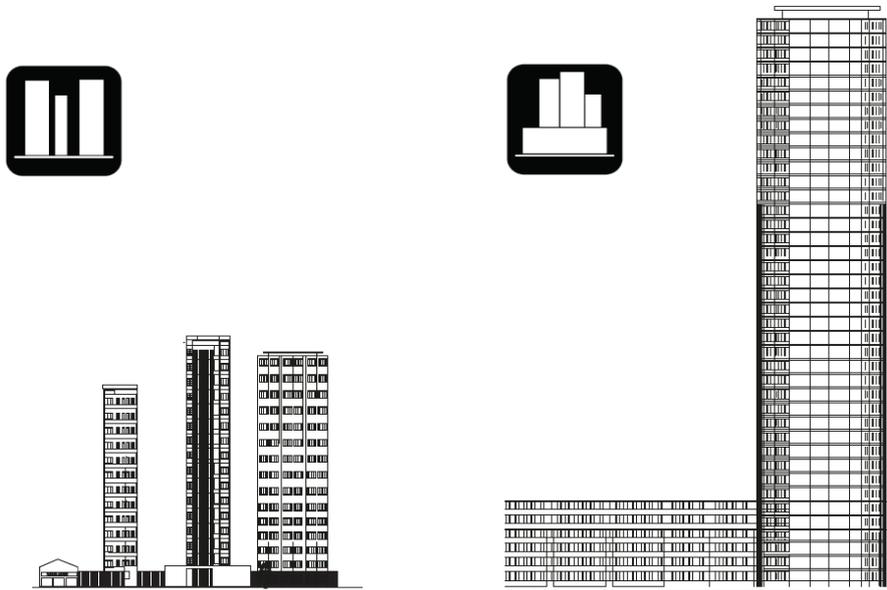


Figura 14. Esquema representando os tipos edificadas predominantes: Jardins e *Thamrin Boulevard*.

Amostra formal

Apesar das diferenças relacionadas à malha urbana e à escala das tipologias predominantes (figuras 13 e 14), os dois fragmentos se desenvolveram livremente de acordo com as tendências do mercado imobiliário, induzidos pela criação e desenvolvimento da infraestrutura. No caso de São Paulo, houve a transformação dos tipos predominantes do início do século XX (casas e sobrados) em edifícios verticais, em um processo de verticalização (Somekh,

1987) que mantém as estruturas do parcelamento original, modificando as dimensões dos lotes. Já em Jacarta, a sobreposição tipológica é mais frequente, em atuação cumulativa do mercado imobiliário, densificando um mesmo lote, criando o que é chamado de *superblock* (Santoso, 2007). Apesar de serem ‘formais’, eles não foram planejados ou projetados, densificaram-se ao longo do tempo, tendo hoje excedido sua capacidade de carga em termos de infraestrutura urbana.



Figura 15. Tecido urbano – fragmentos Heliópolis em São Paulo e Kebong Kacang em Jacarta.

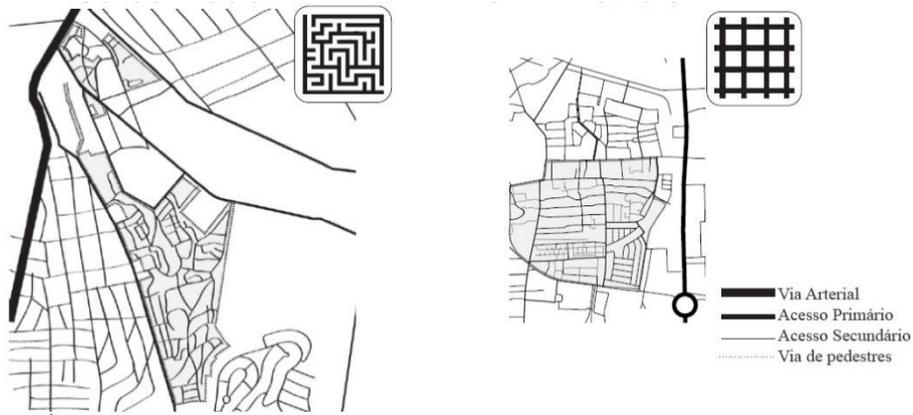


Figura 16. Malha viária – fragmentos Heliópolis em São Paulo e Kebong Kacang em Jacarta.

Fragmentos informais

Os fragmentos informais selecionados revelam diferenças similares quanto à escala. Heliópolis (São Paulo) é consideravelmente mais espreado do que *Kebon Kacang*. Seu tecido urbano dispõe-se como um labirinto, graças a sua ocupação progressiva, a implantação de equipamentos públicos e às

características originais do sítio (Padiá, 2013). O tecido de *Kebon Kacang* foi manipulado ao longo do tempo, aparecendo hoje como uma malha quase ortogonal, com uma distinta hierarquia de vias internas. As amostras (figuras 15 e 16) mostram similaridades na escala e caráter das tipologias. *Kebon Kacang*, anteriormente uma vila agrícola agora engolida pela



Figura 17. Figura-fundo – amostras Heliópolis em São Paulo e Kebong Kacang em Jacarta.



Figura 18. Esquema representando os tipos edificadas predominantes: Heliópolis e Kebong Kacang.

urbanização, continha inicialmente casas unifamiliares que foram densificadas. Heliópolis, uma área ilegalmente parcelada e ocupada por migrantes passou por uma considerável transformação tipológica nas últimas décadas, melhorando a qualidade construtiva e densificando as casas originais.

Amostra informal

Como resultado, Heliópolis, com suas grandes dimensões e alta densidade, é um fragmento distinto da compacta ‘vila urbana’ que é *Kebon Kacang*. Como conclusão parcial, ao analisar e entender seu processo de urbanização através da análise dos fragmentos e amostras de tecido urbano (figuras 17 e 18), percebe-se que São Paulo oferece uma forma urbana atual que pode ser

considerada inteiramente espontânea, onde a única diferença entre um fragmento e outro são os atores que iniciaram o processo espontâneo de ocupação, independente da ação do poder público. Jacarta, apesar dos projetos de modernização da década de 1960, também pode ser considerada como um resultado espacial de um processo espontâneo, primeiro pela ocupação dos *Kampungs* e depois pelas transformações de iniciativa privada e aglomerações do mercado imobiliário.

Comparando Hanói e Belo Horizonte

Quando comparadas na escala da cidade, com seus planos e processos, pode-se dizer que iniciativas enfatizando a soberania política e processos de modernização



Figura 19. Tecido urbano – fragmentos de *Lihn Dam* em Hanói e de Belvedere III em Belo Horizonte.

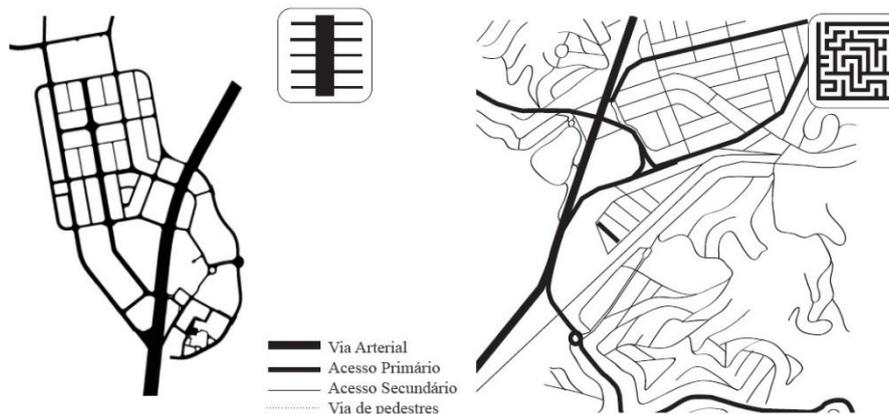


Figura 20. Malha viária – fragmentos de *Lihn Dam* em Hanói e de Belvedere III em Belo Horizonte.

guiaram o desenvolvimento espacial de Hanói e Belo Horizonte. Em ambos os casos, em períodos distintos, o planejamento urbano foi utilizado como disciplina que se propunha a ordenar seu futuro. Porém, a política urbana contemporânea apresenta diferentes processos e resultados espaciais em cada cidade, como exemplificado na análise dos fragmentos. De um lado, uma área altamente controlada pelo estado é exemplificada por *Lihn Dam* e de outro, o Belvedere III surge como uma área altamente

orientada pelo mercado.

Fragmentos formais

Os tecidos urbanos abordados exemplificam suas diferenças espaciais, uma vez que *Lihn Dam* foi inteiramente planejada com um rígido controle da forma urbana e o Belvedere III, inicialmente parcelado para acomodar residências unifamiliares horizontais, hoje apresenta um processo intenso de verticalização, devido às pressões

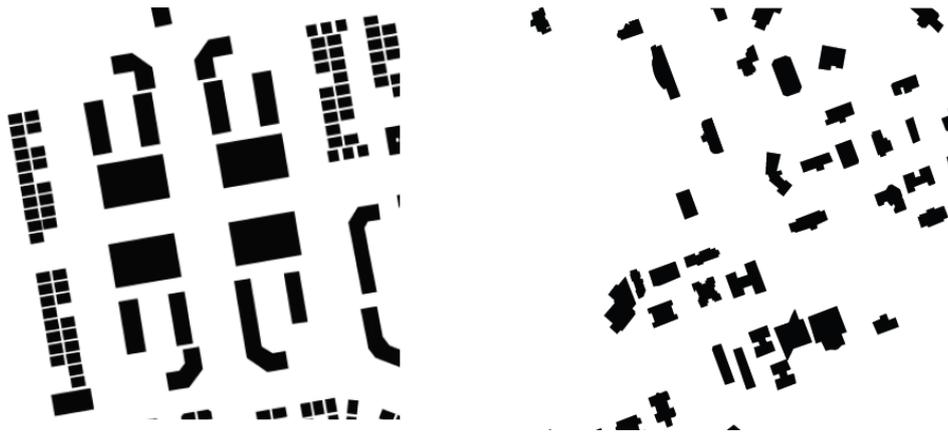


Figura 21. Figura-fundo – amostras de *Lihn Dam* em Hanói e do Belvedere III em Belo Horizonte.



Figura 22. Esquema representando os tipos edificadas predominantes: amostras de *Lihn Dam* em Hanói e do Belvedere III em Belo Horizonte.

de mercado que acabaram por manipular regulações urbanas (figuras 19 e 20).

Amostra formal

A escala da amostra evidencia resultados tipológicos semelhantes, uma vez que ambas contém edifícios verticais como tipo predominante (figuras 21 e 22), porém, em *Lihn Dam* há uma repetição de escalas enquanto no Belvedere III o resultado formal é completamente espontâneo (Figura 21), dadas as diferenças de dimensionamento dos lotes e a multiplicidade de atores, gerando empreendimentos de portes distintos. Em

Lihn Dam há uma hierarquia de espaços bem clara, representada por eixos de uso misto, com atividades comerciais no térreo e torres corporativas marcando as esquinas. O Belvedere III concentra principalmente condomínios fechados com poucas interações e aberturas no nível da rua, exceto por um incipiente eixo comercial.

Os fragmentos informais urbanizados são representados pelo dinâmico e diversificado bairro ‘Jardim Canadá’ (Região Metropolitana de Belo Horizonte, município de Nova Lima) e *Van Quan* (Hanoi), uma melancólica *urban village* em Hanoi, engolida por novos empreendimentos em um dos eixos de expansão urbana. Ambos foram



Figura 23. Tecido urbano – fragmentos *Van Quan* em Hanói e Jardim Canadá em Belo Horizonte.

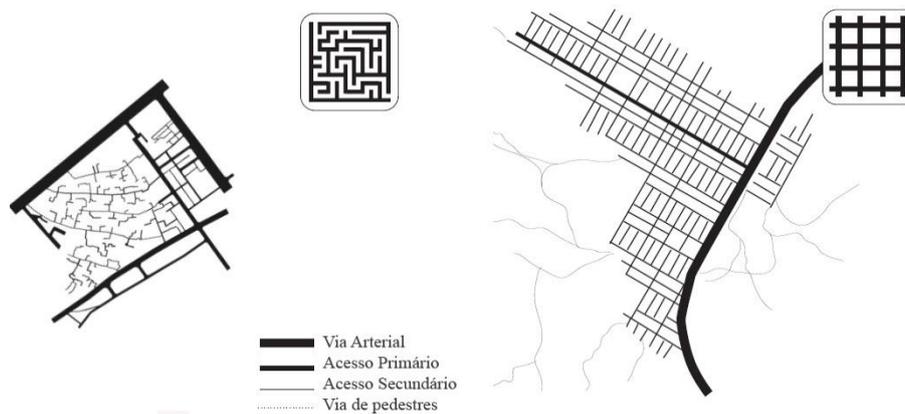


Figura 24. Malha viária – fragmentos *Van Quan* em Hanói e Jardim Canadá em Belo Horizonte.

escolhidos por sua relativa distância dos centros das referidas cidades e por exemplificar fenômenos de transformação recente: a contração das vilas tradicionais e a expansão da metrópole.

Fragmentos informais

Van Quan é uma vila tradicional que foi pressionada e incorporada pela expansão oeste da cidade de Hanoi, distante demais do

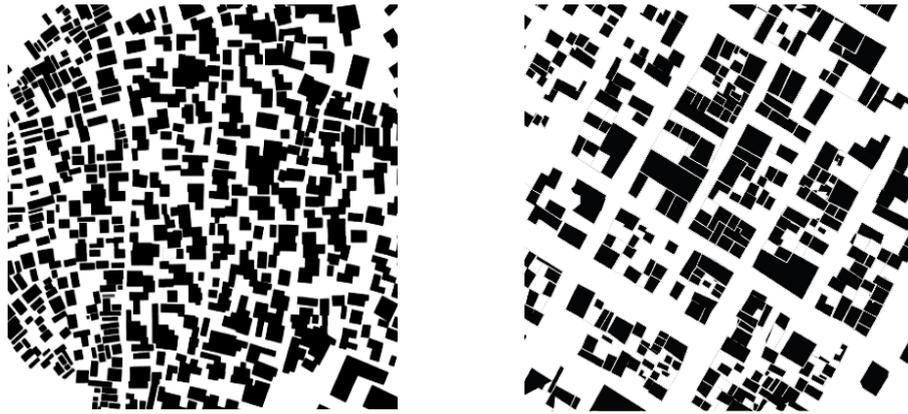


Figura 25. Figura-fundo – amostras *Van Quan* em Hanói e Jardim Canadá em Belo Horizonte.

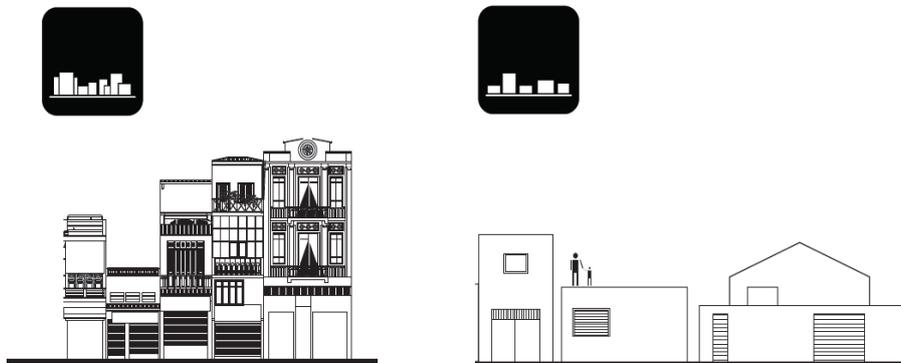


Figura 26. Esquema representando os tipos edificadas predominantes: *Van Quan* em Hanói e Jardim Canadá em Belo Horizonte.

centro para manter vivacidade. O orgânico e ‘leve’ tecido urbano de *Van Quan* se apresenta limitado por avenidas expressas e ameaçado por novos empreendimentos planejados ao longo das avenidas (figuras 23 e 24). Os tipos antigos também foram densificados ao longo do tempo, enquanto poucas atividades comerciais ainda são vistas. Formalmente parcelado, o bairro Jardim Canadá passou por um processo de subdivisão informal de seu loteamento inicial, densificando seus lotes e não seus tipos (Figura 23). Apesar de seu isolamento em relação às áreas urbanas de Belo Horizonte e Nova Lima, o bairro funciona como uma centralidade comercial para outras áreas da região metropolitana de Belo Horizonte, recebendo espontaneamente uma série de atividades comerciais, seguida da ocupação pelos trabalhadores de baixa renda,

que, também informal e espontaneamente começaram a transformar sua forma planejada oficialmente.

Amostra informal

Essas amostras, em *Van Quan* e Jardim Canadá, demonstram como distintos processos econômicos globais recentes – como os diferentes processos de industrialização asiática e latino-americana – foram canalizados no espaço da periferia destas duas cidades, gerando diferentes formas urbanas (figuras 25 e 26): Hanoi com um resultado altamente controlado, que se dá sem considerar as preexistências; e Belo Horizonte com um modelo privatizado guiado pelo mercado, responsável por gerar novos arranjos nos parcelamentos pré-existent (Figura 25).

Considerações finais

Este trabalho apresentou os resultados de uma pesquisa comparativa que, usando a morfologia urbana como uma ferramenta metodológica, objetivou revelar os resultados espaciais do desenvolvimento urbano e de processos de urbanização em quatro cidades. Para tal, São Paulo e Jacarta, e Hanói e Belo Horizonte foram selecionadas e comparadas em diferentes escalas, de acordo com o enquadramento fornecido pela morfologia urbana, estabelecendo analogias entre seu tecido urbano e tipos edificados mais frequentes.

A comparação mostrou resultados espaciais dos fragmentos bem diversos, apesar de semelhantes (i) processos de urbanização – que se apoiam na expansão da infraestrutura modal baseada no uso do automóvel; (ii) paradigmas de planejamento urbano – que se apoiam na promoção de planos abstratos de desenvolvimento; e (iii) processos de inserção regional na economia global.

Esses resultados espaciais foram influenciados tanto por regulações urbanas (que influenciaram a dimensão dos empreendimentos) e o planejamento urbano – ou a falta deste. Relacionam-se com a oferta de serviços públicos e infraestrutura, que altera a maneira através da qual os habitantes se apropriam dos espaços livres. Os tipos observados, entretanto, mostram algumas semelhanças, uma vez que o tipo mais comum das áreas formais analisadas é o edifício em altura (figuras 12 e 14) – variando de 8 a 40 andares. Nos fragmentos informais observam-se principalmente residências baixas e densificadas, ‘uni’- ou ‘multi’-familiares (figuras 18 e 26).

São Paulo e Jacarta provaram ser semelhantes mega-cidades nos seus processos de desenvolvimento espacial espontâneo, apesar de distintas na forma – cada uma com sua colcha de retalhos de fragmentos característicos. Hanói e Belo Horizonte tiveram seus fragmentos periféricos, e de recente transformação, comparados com o objetivo de realçar suas singularidades, revelando mais do que diferenças em suas formas distintas, mas também nos seus processos de transformações em andamento, ambos

dinâmicos.

O referencial teórico tradicional da morfologia urbana – parcelamento, quarteirão, lote e tipo (Solà-Morales, 1997) – não se adequou completamente às condições urbanas contemporâneas que se enfrentou durante a pesquisa de campo. Considerando a sequência de quarteirão, lotes, equipamentos urbanos e tipos, espera-se que a leitura de um *superblock* de Jacarta – entendido como quarteirão, lote e tipologia simultaneamente – seja diferente da leitura de uma torre residencial em São Paulo, mesmo sendo ambos parte de um fragmento formal.

Não há leitura sem diálogo, um pré-conceito, uma implícita comparação entre o que está sendo lido e o repertório do interprete. A riqueza da metodologia proposta foi a visão compartilhada e a combinação da leitura das diferentes pesquisadoras com experiências distintas, baseadas no mesmo material espacial e experiência *in loco*.

A pesquisa comparativa ofereceu esta variedade de condições propiciando um melhor entendimento das questões pertinentes às cidades do Sul Global, quanto à industrialização tardia e rápida urbanização, explicitando alguns de seus resultados espaciais contemporâneos.

De acordo com McFarlane (2010) uma nova abordagem sobre estudos urbanos pode emergir de comparações norte-sul se os conceitos paradigmáticos de ‘cidades do norte’ e ‘cidades do sul’ são deixados de lado por um instante enquanto o urbanismo e a cidade, como conceitos simples sem preconceitos, são discutidos. De acordo com o autor, a comparação pode agir tanto como uma ferramenta de aprendizado como uma estratégia para mudança, adaptando conceitos identificados num diálogo de tradução. Portanto, a comparação, neste cenário, pode levar à formação colaborativa de (novos) objetos ou conceitos. Mais do que um simples estudo comparativo, a pesquisa se apresenta como uma oportunidade para remodelar conceitos e termos, instigando um debate etimológico.

Apesar da necessidade de uma terminologia mais adequada para explicitar a diversa gama de condições urbanas, aqui, a discussão etimológica é levantada em relação

à morfologia urbana e o fragmento da cidade do sul contemporânea. Para auxiliar o diálogo entre diferentes cidades e pesquisadores os termos formal e informal foram inicialmente propostos para determinar e classificar os fragmentos urbanos e amostras nas cidades selecionadas.

A experiência no campo provou que esses termos estão desatualizados para qualificar os diferentes fragmentos, não se relacionando com a dinâmica e experiência urbana atual. Os termos formal / informal, legal / ilegal, planejado / não planejado envolvem noções e preconceitos que não são necessariamente relevantes ao lidar com a forma urbana. Um território formal como o Jardim Canadá, em Belo Horizonte, pode ser considerado com menos qualidades espaciais do que o informal *Kebon Kacang* em Jacarta.

Tais termos estão relacionados com direitos de propriedade e regulações urbanas, que por sua vez não qualificam o espaço e não definem seu processo formal. Mesmo dentre as pesquisadoras envolvidas neste artigo não houve um acordo sobre o que exatamente estes termos significavam considerando a realidade de cada território estudado: i) o formal é necessariamente planejado?; ii) o não planejado é necessariamente informal?; iii) podemos falar de pós-informal?; iv) vernacular é necessariamente informal?

O trabalho de campo compartilhado foi decisivo para mostrar que a classificação tradicional formal / informal não estava adequada para lidar com as condições urbanas e espaciais com as quais lidamos, nem com os processos que se pretende abordar.

Portanto, apresenta-se como contributo para o debate, além do exercício comparativo em si, os termos ‘fragmento espontâneo’ e ‘fragmento induzido’ para especificar e distinguir os tipos de fragmentos urbanos com os quais lidamos, abrindo a possibilidade para futuros debates etimológicos. Fragmentos espontâneos representam territórios formados a partir de processos espontâneos de formação e ocupação, não tendo sido provocados por políticas ou regulações urbanas específicas. Fragmentos induzidos, ao contrário, representam territórios que foram induzidos ou se apresentam como resultado direto de

políticas e regulação urbana.

Acredita-se que as noções de ‘forma espontânea’ e ‘forma induzida’ estão mais relacionados a processos de ocupação e transformação de territórios, dialogando de modo mais adequado com dinâmicas culturais e com o caráter da paisagem, observados nessas latitudes.

Nota

Uma versão prévia deste artigo foi apresentada no *21st International Seminar on Urban Form* realizado no Porto entre 3 e 6 de Julho de 2014.

Agradecimentos

Este artigo pretende sintetizar uma pesquisa conduzida com o apoio financeiro da *Global Development Network* (GDN) e ‘Banco Interamericano de Desenvolvimento’ (BID) como parte do *GDN Working Paper Series* ‘Urbanization and development: delving deeper into the nexus’ realizada entre 2012 e 2013, elaborado em parceria entre as autoras deste artigo e a pesquisadora baseada em Hanói, Nguyen Tu. O relatório completo da pesquisa pode ser encontrado em: www.gdn.int/html/workingpapers.php.

Referências

- Amorim, F. (2007) ‘Belvedere III: um estudo sobre as influências do mercado imobiliário na produção da paisagem e espaços urbanos’, Tese de Mestrado não publicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
- Barbosa, E. R. Q. (2011) ‘Sao Paulo today, Hanoi tomorrow? Landscape urbanism to prevent parallelisms in the contemporary southern city’, Tese de Mestrado não publicada, Universiteit Katholieke Leuven, Bélgica.
- Barbosa, E. R. Q., Fernandes, P. C. A. e Tú, N. T. (2013) ‘Urbanization processes and urban morphology in the periphery of capitalism: São Paulo, Jakarta, Hanoi and Belo Horizonte’, *Global Development Network Working Papers* 76, 1-138.
- Costa, H. S. M. (2006) *Novas periferias metropolitanas* (C/Arte, Belo Horizonte).
- Lamas, J. M. R. G. (1993) *Morfologia urbana e desenho da cidade* (Fundação Calouste Gulbenkian / Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, Lisboa).
- McFarlane, C. (2010) ‘The comparative city:

- knowledge, learning, urbanism', *International Journal of Urban and Regional Research* 34, 725-42.
- Padiá, V. (2013) 'Heliópolis: as intervenções públicas e as transformações na forma urbana da favela (1970-2011)', Tese de Mestrado não publicada, Universidade Mackenzie, Brasil.
- Santoso, J. (2009) *The fifth layer of Jakarta* (Graduate Program of Urban Planning Centropoli, Jakarta).
- Solà-Morales, M. (1997) *Las formas de crecimiento urbano* (Ediciones UPC, Barcelona).
- Somekh, N. (1987) 'A (des)verticalização de São Paulo', Tese de Mestrado não publicada, Universidade de São Paulo, Brasil.
- Venturi, R., Brown, D. S. e Izenour, S. (1977) *Learning from Las Vegas: the forgotten symbolism of architectural form* (MIT Press, Cambridge).
- Villaça, F. (2001). *Espaço intra-urbano no Brasil* (Studio nobel, São Paulo).
- Waisman, M. (2013) *O interior da história* (Perspectiva, São Paulo).

Tradução do título, resumo e palavras-chave

Spontaneous and induced urban forms: comparing São Paulo, Jakarta, Hanoi and Belo Horizonte

Abstract. *This paper gathers research, developed in 2012/2013, in which urban morphology was used as an investigating tool to study the relations between urbanization and development, producing a comparative study of spatial and economic development, planning processes and the resulting urban forms of four cities: São Paulo and Jakarta, and Hanoi and Belo Horizonte. Planning policies and urban forms were compared at different scales in these four cities, using the approach proposed by Lamas (1993). São Paulo and Jakarta were chosen due to their importance and economic relevance on their respective contexts, Latin America and South East Asia, offering the possibility of comparison aiming at finding relevant similarities. Hanoi and Belo Horizonte have similar positions regarding their contexts; both are administrative cities with similar characteristics in terms of demography, economic growth and rapid urbanization. Despite these similarities, the cities present distinct processes of growth and urbanization, as well as cultural aspects; both were highlighted in this comparison. This study investigates the patterns of urban form of these four cities, exploring their urban tissues and building types, aiming at a better understanding on how these cities have coped with economic processes and how they work today, opening the possibility of broader discussions on which lessons can be drawn both to these case studies and to cities in general.*

Keywords: urban morphology, building typology, southern hemisphere

Rede Lusófona de Morfologia Urbana (PNUM), 2014-15

A criação de uma rede Portuguesa (PNUM) integrada no *International Seminar on Urban Form* (ISUF) teve lugar em 2010, durante a 17ª Conferência do ISUF. A proposta de criação do PNUM (bem como a sua Constituição) foi apresentada no *ISUF Council* dessa mesma conferência em Agosto de 2010.

No meu primeiro relatório do PNUM, na qualidade de Presidente, gostaria de aproveitar a oportunidade para reconhecer o trabalho e a energia investida no PNUM pelo presidente antecessor, Vítor Oliveira. Este relatório é um resumo das principais atividades do PNUM, incluindo a indicação de conferências, *workshops* e publicações realizadas no âmbito da rede, entre

Julho de 2014 e Julho de 2015, e uma breve consideração sobre futuras atividades.

O interesse que tem sido depositado na Rede Lusófona de Morfologia Urbana, inclusive pelos colegas do Brasil, é muito gratificante. A recente mudança na designação de 'Rede Portuguesa de Morfologia Urbana' para 'Rede Lusófona de Morfologia Urbana', conforme aprovado no Conselho Científico do PNUM em Julho de 2014, reforça a aliança Portuguesa-Brasileira construída ao longo dos últimos anos.

A quarta edição da conferência promovida pelo PNUM, 'Configurações urbanas e os desafios da urbanidade', teve lugar em Brasília, Brasil, em Junho último, constituindo a primeira
